

Gabriela Gonçalves Junqueira

IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Grupo de Trabalho
POLÍTICAS PÚBLICAS E A FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS:
LIMITES E POSSIBILIDADES

**PRODUÇÕES COLABORATIVAS E EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO: DE PIBIDIANA
À PROFESSORA SUPERVISORA DO PIBID SOCIOLOGIA/FILOSOFIA**

São Paulo, 2025

PRODUÇÕES COLABORATIVAS E EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO: DE PIBIDIANA À PROFESSORA SUPERVISORA DO PIBID SOCIOLOGIA/FILOSOFIA

Gabriela Gonçalves Junqueira ¹

RESUMO

O presente trabalho pretende trazer a percepção de uma nova experiência no PIBID: de pibidiana no ano de 2010 para a experiência de 2022 a 2024 de professora supervisora do programa PIBID Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A partir dessa experiência tem-se o intuito de abordar a prática da educação da atenção por meio da abordagem de Tim Ingold. A discussão permite destacar a inserção do PIBID Sociologia/Filosofia na realidade escolar de uma escola estadual de Minas Gerais (MG) com o intuito de demonstrar como as relações e estudos desenvolvidos sob a ótica do olhar cuidadoso e atento têm sido importante subsídio na consolidação da presença dos pibidianos na escola e das ações e projetos propostos pela equipe. Além disso, pretende-se apresentar os resultados da presença do PIBID na escola, condensados em um portfólio digital que reúne atividades elaboradas e executadas e um curta-metragem produzido colaborativamente, reforçando a importância do PIBID como uma experiência enriquecedora e transformadora para os estudantes de licenciatura e para o campo da educação como um todo.

Palavras-chave: PIBID, Formação de professores, Portfólio digital, Curta-metragem, Educação da atenção.

¹ Professora substituta no Instituto de Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Ensino Religioso da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). Doutora em Antropologia Social (UFG). Foi professora de Sociologia da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, (SEE/MG) e supervisora do PIBID Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestranda no ProfSocio UFU. Contato: gabbi_gj@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende trazer a percepção de uma nova experiência no PIBID: de pibidiana no ano de 2010 para a experiência de 2022 a 2024 de professora supervisora do programa PIBID Sociologia/Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado em 2007 e coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atua no estímulo à docência entre estudantes de graduação e na valorização da docência. Por meio de concessão de bolsas, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior, por meio das licenciaturas, e as instituições de Educação Básica.

O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros docentes e as salas de aula da rede pública. Nesse sentido, é foco do programa promover a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica para os discentes da primeira metade dos cursos de licenciatura, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior.

Meu primeiro contato com PIBID foi em 2010, quando houve a primeira edição do programa (PIBID Sociologia) no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ensinar sempre foi uma paixão, desde as brincadeiras de escola com quadros de giz na infância. Por isso, o sonho em ser professora me guiou na escolha do curso superior desde o ensino médio.

A licenciatura, portanto, sempre foi a primeira opção, e o curso de Ciências Sociais surgiu como possibilidade pela aproximação e interesse com as aulas de Sociologia no ensino médio. Entrei no curso de Ciências Sociais em 2009, e no próximo ano, ano que estaria no terceiro período do curso, fui selecionada nesse primeiro edital para o PIBID Sociologia.

Me lembro até hoje da sensação daquela primeira reunião com a nossa coordenadora, colegas e a supervisora que nos recepcionaria na escola. A ansiedade e a euforia de voltar à escola ocupando um outro lugar que não o de aluna, me

empolgava e me desafiava simultaneamente. Estar nesse lugar gerava um misto de pertencimento, pois não havia um intervalo grande entre a minha saída da escola como aluna e a volta como pibidiana, mas havia também um lugar de dúvidas. Dúvidas, porque, aquela experiência poderia me mostrar que estaria no caminho certo, de futuramente ser professora de sociologia, ou colocar em ruínas esses planos, me mostrando que aquele não era o meu caminho. Felizmente fiquei com a primeira opção.

O ambiente escolar é o que me move e move a minha docência. Ser recebida com tanto acolhimento naquela escola e ter colegas que compartilhavam o mesmo sonho comigo, fizeram a diferença. Além da nossa supervisora, que sempre nos abriu as portas, nos dando autonomia e permitindo que, mesmo que devagar, pudéssemos adentrar e tomar posse de suas aulas via trabalhos coletivos. Além disso, a relação com as duas coordenadoras que tivemos, foi de suma importância. Tanto para incentivar nossa prática e formação, quanto para dar segurança para que nossas propostas fossem efetivadas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Me lembro das primeiras oficinas, dos momentos de observação e de viver o cotidiano da escola com outros professores, a equipe gestora da escola e principalmente com os alunos e alunas. Foram eles que sempre motivaram nossas ações e escolhas metodológicas em nossas intervenções. Eles sempre foram o foco das observações e ações.

Pensar a relação da Antropologia com a sala de aula, não é falar somente das discussões teóricas que devem ser abordadas em sala que pertencem às teorias antropológicas. É pensar as relações que o ambiente escolar possibilita e dos “métodos” possíveis que a Antropologia proporciona.

Tim Ingold (2011; 2016) problematiza a forma como a etnografia e a observação participante são vistas e apropriadas, principalmente em trabalhos de outras áreas do conhecimento, que utilizam ambas como um substituto da moda para um método “qualitativo”, o que para o autor, ofende todos os princípios da investigação

antropológica. Para o autor, a Antropologia não é um estudo de, mas um estudo com. Antropólogos trabalham com humanos e não-humanos, e é imerso com eles em um meio de atividade conjunta que eles aprendem a ver coisas, ouvi-las ou tocá-las.

Uma educação em Antropologia educa a nossa percepção do mundo e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser (INGOLD, 2011) e acredito que isso é fundamental na prática docente.

Estar na escola e estar com os discentes sob essa perspectiva é parte da professora antropóloga que sou. Após finalizar a graduação em 2014 ingressei no Mestrado em Ciências Sociais também na Universidade Federal de Uberlândia em 2015. Já em 2018 fui me aventurar em solos goianos devido a oportunidade de fazer o Doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Foram quatro anos de muita novidade e aprendizados até a defesa da tese em 2021.

A experiência de habitar presente na observação do antropólogo é algo extremamente relevante e importante dentro de uma sala de aula e na relação docente/estudante. A Antropologia, como um modo curioso de habitar o mundo, de estar com, é propriamente uma prática de observação ancorada no diálogo participativo (INGOLD, 2011) e é essa perspectiva que norteou meu trabalho como professora supervisora do PIBID.

Chegar no PIBID novamente, ocupando um outro lugar agora, diferente da pibidiana de 2010, me causou a mesma euforia e ansiedade de treze anos atrás. Um mestrado, doutorado e um concurso depois, me interessei em participar novamente do programa, como professora supervisora, motivada por receber estudantes dos cursos de Ciências Sociais e Filosofia, e possibilitar aos meus estudantes da rede estadual de educação, novas e diferentes possibilidades nas formas de ensino aprendizagem.

Nosso projeto teve início em novembro de 2022, foi ali que recebi, inicialmente, os oito bolsistas que estariam comigo nessa empreitada. Todos múltiplos em diversos sentidos, mas uniformes em uma coisa: na forma de estar com aquelas pessoas na escola, de estudar com elas, e não serem meros observadores daquela realidade.

Esse sempre foi um norte importante do meu trabalho, algo que a Antropologia me trouxe, e que queria muito compartilhar nessa experiência nova no PIBID. A

Antropologia constrói conhecimento por meio da relação com os outros. Conhecimento esse que não é construído a partir de fatos que simplesmente estão lá, esperando para serem descobertos e organizados de acordo com os conceitos e categorias que se tem. O conhecimento é coproduzido. (INGOLD, 2016).

Atividade desenvolvida: XXII Semana de Ciências Sociais – UFU

Gostaria de trazer de forma breve um relato sobre a atividade desenvolvida pela equipe em torno da XXII Semana de Ciências Sociais – UFU realizada em 2023. Uma atividade que foi orientada por esse olhar atento e dialógico, com o intuito de promover e provocar os estudantes da nossa escola a produzir conhecimento de formal conjunta e colaborativa.

O principal objetivo dessa atividade foi promover a inserção dos estudantes do ensino médio dentro do âmbito da pesquisa científica na academia e no contexto das Ciências Sociais. Foi também a primeira vez em que o curso de Ciências Sociais na UFU possibilitou esse espaço de um GT para um diálogo com estudantes do ensino médio. Nossa equipe se responsabilizou e preparou com muito cuidado e atenção o GT do ensino médio, que permitiu que estudantes vinculados a Instituição de Educação Básica tivessem a oportunidade de apresentar suas pesquisas em três grupos de trabalho distintos: Antropologia, Sociologia e Ciência Política.

A preparação para o evento começou meses antes da realização do mesmo, e foi envolvida por oficinas e rodas de conversa que tinham o intuito de provocar nos estudantes sobre o que é uma pesquisa, como essa pesquisa pode impactar na vida social e como ela pode se desenvolver a partir de uma curiosidade do próprio cotidiano dos alunos e alunas.

Os nossos estudantes da escola receberam com entusiasmo o desafio de produzir conhecimento. Os processos de ensino aprendizagem, geralmente, não colocam os estudantes como possíveis produtores de conhecimento. As pesquisas são, na maioria das vezes, procurar respostas prontas e pouco desafiam o pensamento crítico dos discentes.

Muitos estudantes manifestaram interesse e apresentaram sugestões de tema, como: gênero, racismo no esporte, situações sobre o machismo e feminismo e temas sobre a própria educação pública, como a proposta do novo ensino médio.

Aquele era, segundo os próprios estudantes, um momento em que eles compreenderam que, a partir de suas próprias curiosidades e vivências, poderiam desenvolver, por si mesmo, com o auxílio dos pibidianos, as suas próprias pesquisas científicas.

Reconhecer-se a si mesmo como produtor de conhecimento foi um grande passo que se deu de maneira progressiva a partir das oficinas realizadas pelos pibidianos, onde foram apresentados os passos de uma pesquisa, como surge, como criar hipóteses e formular conclusões iniciais sobre algo que nasce da curiosidade e de suas experiências. A partir dali o olhar atento, cuidadoso, a colaboração e a produção compartilhada guiaram os passos para que os resumos a serem apresentados fossem finalizados.

A descoberta do que estudar e como estudar, fascinavam os nossos alunos, foi fantástico acompanhar esse processo e o quanto a educação, guiada pelo olhar antropológico, permitiu uma aproximação dos pibidianos com os discentes da escola, colaborando com essa construção conjunta dotada de sensibilidade e afeto (FAVRET-SAADA, 2005).

Ao todo tivemos 19 (dezenove) trabalhos inscritos e apresentados no evento, que envolveram 38 (trinta e oito) estudantes. Nosso foco foi com estudantes do 2º ano do ensino médio e nossa escola foi responsável pela maioria dos trabalhos, haja vista, que dois trabalhos foram de estudantes de outra escola.

Foi uma experiência fantástica ver os estudantes do ensino médio tão seguros e entusiasmados com suas apresentações. No dia do evento, mais uma vez, a relação e o vínculo estabelecido entre discentes do ensino médio e os pibidianos fez toda diferença no momento das comunicações. A presença dos pibidianos no evento, deu segurança e permitiu que os estudantes pudessem com fluidez apresentarem seus trabalhos, produzidos por eles mesmo, em parceria com os licenciandos.

Vimos naquele dia que aqueles estudantes saíram com muito mais confiança e seguros de que eles, a partir de então, com todos os elogios e questionamentos a eles realizados, seriam capazes de produzir conhecimento e de contribuir com o mundo acadêmico.



Figura 1: Registro fotográfico da preparação dos estudantes em conjunto aos pibidianos para a XXII Semana de Ciências Sociais em 2023 na Universidade Federal de Uberlândia, realizado pela autora.



Figura 2: Registro fotográfico da apresentação dos estudantes na XXII Semana de Ciência Sociais, GT Ensino Médio, na Universidade Federal de Uberlândia, realizado pela autora.



Figura 3: Registro fotográfico dos estudantes aguardando as apresentações pós credenciamento no evento, realizado pela autora.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, acredito que esse posicionamento e prática dialógica, de produção conjunta, foi fundamental e propiciou um outro olhar no ambiente escolar, efetivando tanto as ações propostas por mim e a equipe, quanto efetivando de maneira singular, a presença dos pibidianos no contexto da escola.

Vale ressaltar a relação fundamental entre antropologia e a educação, haja vista que ela propicia um outro olhar no ambiente escolar, seja na relação com outros professores, com a gestão, mas principalmente com os alunos e alunas em sala de aula. Nesse sentido, gostaria de destacar a preparação para a XXII Semana de Ciências Sociais e a apresentação dos estudantes no GT Ensino Médio, pois nesse processo pode ser visto o quanto essa educação da atenção e o olhar cuidadoso permite uma relação única e um vínculo que impacta na valorização dos saberes e na produção do conhecimento.

Sendo assim, é o processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente a educação, nossos estudantes e nossos pibidianos que saem ganhando quando a Antropologia e o olhar antropológico entram em cena nessa relação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a agência de fomento do Pibid Sociologia/Filosofia que possibilitou minha dedicação ao programa. Gostaria de agradecer também a professora Maria Lucia Vannuchi e o professor Fábio Coelho pela recepção e coordenação de nosso subprojeto; a Universidade Federal de Uberlândia, pelo empenho e luta pela permanência no programa; ao David Gonçalves, diretor da escola estadual que recebeu o programa e que sempre se manteve aberto aos nossos sonhos e projetos e recebeu nossa equipe com muito acolhimento e respeito. E por fim, gostaria de agradecer a cada integrante da minha equipe: Maria Fernanda, Matheus, Tosh, Raíssa, Bruno, Tayná, Douglas, Agatha, Rian Gabriel e Ryan Pablo, com quem compartilhei o cotidiano, os desafios, as realizações de nossas ações e os afetos.

REFERÊNCIAS

CAPES, **PIBID** <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>> Acesso em: 30 ago. 2024.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

INGOLD, Tim. Epilogue: "Anthropology is not Ethnography." In: **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2011.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, 39(3), 404–411, 2016.